

A conveniência divina e a conveniência monárquica

Estávamos longe de esperar que o nosso primeiro artigo sobre a comemoração de Nun'Alvares, convertida em especulação de talassas, originasse uma nova indisposição das *Novidades*, isto é, dos chefes da Igreja em Portugal, com os monárquicos e o seu órgão *Correio da Manhã*.

As *Novidades* irromperam ontem, tomadas dum grande ciúme, gritando com berrante disposição gráfica, que o sectarismo político estava prejudicando a manifestação ao "Santo Condestabre". E, para acentuar ainda mais a sua hostilidade, esganava-se como um cônego, a gritar contra a falta de educação cívica e contra a dissolvente paixão política. Toda esta indignação, todos estes doces se endereçam directamente aos do *Correio da Manhã*, os quais já estão em péssimos lençóis.

As *Novidades* falam alto, com uma grande certeza da sua autoridade e do seu poder, e dizem que a lei está a seu lado, acentuando com uma segurança profunda de que ninguém se atreve a contrariar-la. Que a festa se há de efectuar em 14 de Agosto e não em Novembro, como os do *Correio da Manhã* pretendiam, só por estarem de volta das praias e terras, as damas bem vestidas e os rapazinhos *chics*, aderentes às Juventudes Monárquicas Conservadoras.

E lá se vai a festa: adeus evocação da monarquia de medievos moldes, adeus discurso académico, forte de gramática e pleno de erudição, do Logar-Tenente de D. Manuel e ex-ministro de João Franco, sr. Aires de Ornelas. (Talvez discursasse também o tribuno realengo sr. Carvalho da Silva, que não deixaria de aproveitar a ocasião para, numa transição, hábil e feliz, pedir uma nova revisão da lei do inquilinato).

As *Novidades* vencem, de-certo: Nun'Alvares pertence à Igreja—e ninguém mais pode servir-se dele, a não ser o sr. Rui Chianca por o pôr em verso e em peça de teatro, com emendas eclesiásticas, é claro!

A Igreja vai mudar o curso à comemoração que, em vez de se dirigir ao guerreiro, se fará especialmente ao frade. Nos púlpitos falar-se há no guerreiro—o confrário daria escândalo—mas para acentuar que a igreja possui o monopólio das dedicações que se revelam no campo da batalha e as quais, finda a sua obra secular, colaboração de vulto em massacres também de vulto, regressam ao convento, a humilhar-se e a preencherem o resto da sua vida em preces altíssimas... ao altíssimo!

A Igreja não deixa de ter razão: Nun'Alvares pertence-lhe e de tal modo se tornou digno dela que parece não ter nascido para outra coisa.

Um Congresso Pecuario em Lisboa

Promovido pela Federação dos Sindicatos Agrícolas vai realizar-se em Lisboa o primeiro Congresso Pecuario.

Entre outros, esse congresso occupar-se há dos seguintes trabalhos: Bovinos; Questão das Carnes e Abastecimentos; Ovelaria; Orientação da criação suína; Criação do gado cavalar; Avicultura e Conicultura; Indústrias Pecuaras; Sôros e Vacinas, cujos relatores são respectivamente, os srs. Monteiro da Costa, Lima Alves, Abreu Lopes, Miranda do Vale, dr. Joaquim Pratas e Agueda Ferreira.

O professor Miranda do Vale realizou ontem à noite na Associação Central de Agricultura, uma conferência sobre a necessidade e a utilidade deste congresso, dissertando com grande proficiência sobre o assunto.

Acaba de ser posto à venda mais um volume do formidável romance histórico

"Os Mistérios do Povo"

O volume VI, como os anteriores, é artisticamente encadernado, ao preço de 10\$00; pelo correio 11\$00. Dirigir todos os pedidos à nossa administração.

MILAGRE! MILAGRE!

Hoje, em Fátima, o sol rompeu a bailar!...

Pretende-se arrancar à bolsa dos humildes o dinheiro para construir um templo luxuosíssimo

Hoje, em Fátima, milhares de infelizes, filtrados e esfomeados, depois de dormirem algumas horas no feio buraco da Cova da Iria, em Fátima, estiveram a pé, firmes e de olhos esbugalhados, na esperança de verem o sol bailar—que isto do sol fazer endiabrados movimentos de *charleston* constitui uma prova da aparição da Virgem a três infelizes crianças, duas das quais já o Senhor as chamou à sua «divina» companhia, e a que resta viva está sob sequestro com nome suposto num colégio de jesuítas—o colégio das Doroteias, do Porto.

Estivemos lá o ano passado. E à hora que o sol devia, como qualquer *girl* de revista parisiense, saracotear-se, assistimos, à nossa volta, a uma desilusão apalermada: os peregrinos não tinham constatado o cômico capricho do astro. Só um viu, no sol, umas cores exquísitas—as cores da *maquillage* duma actriz—mas logo quem a acompanhava, um indivíduo bonacheirão, tipo de lavrador abastado comentou risonho:

—«Calate, mulher. Tu não viste essas cores no sol. Tens mas é os olhos mal abertos porque estás habituada a levantar-te ao meio-dia!»

Os próprios empresários daquela rica filão de fé já não teimam em afirmar a *blague* do sol que dança em Fátima—e não dança a três quilómetros de Fátima. A mentira é um bocado ridícula e difícil de se acreditar; mesmo para alguns dos pobres lapõeses das aldeias já ela perdeu o prestigio e a inacessibilidade dum dogma.

Está-se apenas em que a Virgem apareceu às crianças—e que deve andar ali peritinho; que embora invisível, está entre os fiéis, no dia de hoje, fazendo curas milagrosas com uma água suja, quasi fétida, barrenta e tirada à bomba, com dificuldade e grande dispêndio muscular de quatro marionetes adrede contratados para fazer escorregar até à última gota o líquido que Nossa Senhora fez brotar do solo.

Chamam aquilo de Fátima uma grande parada de fé. Troquem-lhe o nome: onde lerem fé, escrevam ignorância e terão dito a verdade, uma terrível verdade que envergonharia os próprios marroquinos.

99 0/10 de toda aquela gente não sabe ler nem escrever. O resto, insignificante minoria, compõe-se dos empresários, dalgumas devotas da classe média que não têm dinheiro para ir a Lourdes e de curiosos que riem discretamente de tudo aquilo.

Fátima, já aqui o dissemos, é Lourdes, traduzida de francês para calão, com aquela ligeireza de espírito e com aquele feitiço miséico que constituem as principais características destes conselheiros acácios

que, no seu francesismo «snob», quiseram ter manifestações de fé iguais às melhores que há lá por fora.

E a mesma história da aparição—mas com a Bernardette transformada em três pastorinhos que contavam o milagre esgaravando o nariz e com um detalhe de *film de Charlot*: o sol a fazer caretas!

Em Lourdes, há uma piscina onde as pessoas entram doentes e enxutas e saem encharcadas e curadas. Fátima não tem piscina porque a água é tão pouca e corre tão lenta que, só ao fim de quarenta e cinco minutos, encheria uma tina de banho, de modestíssimas proporções. Os doentes não têm—pela arreliante falta de água—possibilidades de se encharcarem e, para que o milagre se lhes produza, têm que ir a uma das minúsculas torneiras conta-gotas.

Em Lourdes, há um hospital para doentes. Em Fátima há só macas para conduzir os doentes para um pavimento de erva verde e alta, onde ficam apanhando sol, à espera que o milagre lhes poupe o cemitério ou as consultas médicas e as alarmantes contas da farmácia. Trata-se, decerto, duma interessante colaboração da religião com o naturismo, fazendo o raio de sol o papel de agente condutor da vontade da Virgem...

Lourdes tem uma basílica. Fátima tem apenas uma imagem e uns homens ao pé da imagem. E' ali que se cobra a receita: os homens recebem o dinheiro que os crentes lhes entregam, passam-no pelos pés da imagem, numa carícia fugitiva e rude, e metem-no para uns sacos enormes e inestéticos.

O dinheiro de Fátima é arrancado à bolsa da população miserável das aldeias: milhares e milhares de desgraçados desfilam, durante incontáveis horas, entregando um dinheiro que, até para comer, necessitavam. Esse dinheiro que nunca mais voltará às suas bolsas; destina-se à construção dum luxuosíssimo templo. E' bem verdade que é a ignorância—a ignorância dos humildes—quem paga à fé o mais duro e o mais pesado dos tributos.

O ÚLTIMO RECURSO

PARIS, 12.—Recebeu-se aqui uma informação de Washington que diz ter Bartolomeu Vanzetti, em seu nome e no do seu companheiro Nicolau Sacco, dirigido uma petição ao governador de Massachusetts, sr. Fuller, de uma revisão do processo que a ambos condenou. Na petição «não se reclama perdão, mas justiça». Supomos tratar-se de uma reclamação de indulto, último recurso de salvamento.—Especial.

A GUERRA NA CHINA

IMPRESSÕES DE UM OBSERVADOR

Actualmente, encontram-se frente a frente, na China, as duas forças mais consideráveis: os reaccionários, chefiados pelo governador da Manchúria, Xan-So-Lin, agora dominando em Pequim, e as tropas revolucionárias do Kuo-Ming-Tang.

De maneira comum, estas forças são designadas por sulistas e norteistas. O norte representa a força hereditária de milhares de anos, a civilização verdadeiramente chinesa, enquanto o sul representa a China que quer ser livre. O norte agrupa os últimos restos do exército imperial e, mesmo, o general Xan-So-Lin não passa de um velho mandarim.

As forças do sul estão formadas por revolucionários bastante experimentados nas lutas perigosas contra o império e, também, por uma mocidade intelectual que não assentou ainda, devidamente, as suas ideias. A juventude académica também dá grande esforço.

Seja qual for o objectivo destes revolucionários, eles pretendem a abolição dos tratados desiguais, da extra-territorialidade e das concessões. Mas a questão está em saber se o actual movimento possui qualquer sentido revolucionário ou se será unicamente uma campanha xenofoba, como se afirma.

A caracteristica deste movimento é a de uma revolução nacional, cujos princípios se resumem na luta contra as velhas tradições e a liberdade política. O elemento académico é a maior e a mais combativa força da revolução, mas toda a massa operária e camponesa sustenta vigorosamente o movimento. Assim se explica, pelo menos, em grande parte, porque as tropas revolucionárias fizeram, durante seis meses, sem interrupção, um avanço vitorioso, de mais de 2.000 quilómetros. Outro motivo da vitória dos revolucionários deve ser a deserção em massa das forças reaccionárias, quando se defrontam com os sulistas. Os desertores são milhares e milhares, entre oficiais e soldados.

Cantão possui um exército de cerca de um milhão de homens aguerriados e apaixonados, que luta facilmente com tropas desmoralizadas e sem fé. sem contar ainda que

o povo inteiro, incluindo os próprios camponeses, que começam despertando, manifestam a sua ardente simpatia pelas tropas revolucionárias, facilitando consideravelmente a acção destas últimas.

Cantão.

Hugo TRENI

A guerra em Hanqueu

XANGAI, 12.—As populações de Hanqueu e de Au-Xan refugiaram-se nas concessões francesa e japonesa, em consequência do avanço das tropas norteistas que ameaçam Hanqueu. Nesta cidade têm-se dado tumultos de gravidade.—(L).

Movimento de tropas

XANGAI, 12.—Continua o movimento de tropas em diversas regiões. O general Yang-Sen-Wiho, antigo comandante das forças chinesas em Nanquim, chegou a Yehang no domingo, onde se tem dado a costumada pilhagem, embora poupando as propriedades estrangeiras.

Comunicam de Shasi que este general tomou aquela cidade, tencionando agora unirse às tropas de Wu-Pei-Fue, no rio Han, para avançar sobre Hankow.

Camponeses armados, conhecidos pelos «Lanceiros Vermelhos», continuam operando contra os sulistas próximo de Hupeh Honan, tendo destruído um ponte.

As tropas de Ping-Tien não avançaram ainda além de Chumatiem.—(L).

Na concessão inglesa

XANGAI, 12.—Foram ontem ocupados os consulados e quasi todas as casas de estrangeiros na concessão inglesa, apesar da proclamação do general Ho-Ying-Yin, que proibia quaisquer occupaões daquela natureza.

Os consules, requisitaram a retirada imediata das tropas ocupantes.—(L).

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Foz, na rua da República, 132.

A REGULAMENTAÇÃO DA BATOTA

O jôgo é um vício e um vício não se regula, extermina-se

afirma-nos o dr. sr. Costa Sacadura, presidente da Sociedade de Ciências Médicas

A Batalha mostrou já com as declarações dos drs. Mário de Castro, João Camoesas e Rodrigues Migueis, quanto de prejudicial encerra a projectada regulamentação do jôgo.

Foram três opiniões autorizadas, postas com todo o desassombro e demonstrando que razão tínhamos nós, quando se começou falando na regulamentação, em atacar essa medida.

Ouvimos aqueles senhores, que expressaram—e muito bem—o seu modo de ver pessoal sobre o assunto, impunha-se procurar alguém que, pela sua categoria no meio social e científico, implicasse com as suas declarações a manifestação do sentir de uma classe que tem toda a autoridade para se manifestar.

E assim, procurámos o dr. sr. Costa Sacadura, presidente da Sociedade de Ciências Médicas, elemento de grande prestigio na sua classe, prestigio esse conquistado de direito, pois é dos nossos mais distintos médicos.

Procurámos-lo no seu consultório e não estava. Não era dia de consulta. Em casa também não se encontrava. Sai de manhã, muito cedo, e só recolhe à noite.

Um encontro casual, no Rossio, pôe-nos em contacto. O dr. Costa Sacadura lastima-se pela falta de tempo, mas, amável, marca uma hora para nos encontrarmos no seu consultório. Ali fomos encontrá-lo com o seu colega dr. Augusto Monjardino.

Feitas as apresentações, o nosso amável entrevistado, sem responder à pergunta que lhe havíamos feito, disse-nos:

—Sabe uma coisa? Estou muito maguado com os senhores jornalistas.

—Porquê?

—Eu lhe digo. Não há nenhum jornal que me considere fazendo parte das classes trabalhadoras, o que não faz sentido, porque eu, que me levanto todos os dias às 7 horas, saindo de casa às 8,30, para trabalhar, só recolho para descansar, uma hora que nunca sei qual é, com a agravante de ainda mesmo quando estou já deitado, ter muitas vezes de me levantar para ir acudir a um doente. Como vê, sou incontestavelmente um trabalhador e não

tem porisso razão de ser o critério dos que pensam em contrário.

Concordámos absolutamente, afirmando que essa acusação não podia estender-se à *Batalha*, que já por mais de uma vez tem manifestado a sua opinião de acordo com a do dr. Costa Sacadura, por entendermos que a designação genérica de trabalhador engloba os manuais e os intelectuais, e entrámos imediatamente no assunto que ali nos levava: o jôgo.

—O jôgo, responde-nos prontamente, é uma coisa pela qual, pessoalmente, me não interesso. Apenas em criança me lembro de ter jogado o *burro*, mas isso parece-me que ninguém pode dizer não ter feito.

«No entanto aprez-me dizer-lhe a minha opinião, que se resume no seguinte:

«O jôgo é um vício que, como todos os vícios, acarretam grandes males à Sociedade. Ora os vícios não se regulamentam: exterminam-se, usando de varios processos, entre os quais avulta o da educação.

—Mas afirma-se que não é possível reprimir o jôgo...

—Isso para mim não colhe. Ninguém ainda conseguiu convencer-me que isso é verdade, tanto mais quanto é certo, e todos o temos verificado, que a repressão do jôgo, entre nós, tem sido função da política. Todos temos visto que quando qualquer governo se propoz reprimir o jôgo, com verdade, os resultados foram eficaes.

—E quanto ao aspecto médico da questão?

—Quanto a esse, verifica-se que do jôgo resultam aquelas excitações naturais, resultantes das grandes comoeções, que são sempre prejudiciais ao organismo.

E já a despedir-se:

—Agradeço muito à *Batalha* o ter-me procurado, tanto mais que tenho pelo seu jornal uma especial simpatia; porque, quando uma vez me atacou, apresentando um critério contrário ao meu, teve para mim palavras de merecido louvor...

O jornalista e o dr. sr. Augusto Monjardino em côro:

—Não apoiado! Não apoiado! E despedimo-nos satisfeitos.

Luzitanos, que deliciaram a assistência com as melhores peças do seu vasto repertório. Sábado 21, às 14 horas.—Confraternização com as crianças de outras escolas na Esplanada do Jardim de São Pedro de Alcântara.

A's educativas conferências, e aos interessantes espectáculos que se realizam, convidamos a assistirem todos os camaradas e suas famílias.

Os bilhetes podem ser procurados no continuo da sede e na Administração do nosso jornal.

A CRISE DO ALGARVE

Alvitra-se a construção de um porto de abrigo na Albufeira

Entre os algarvios, trava-se grande celeuma desde há tempos a propósito da construção de um porto de abrigo.

As opiniões dividem-se. Há quem defenda que esse porto deve ser construído em Lagos e há quem tenha a opinião de que Albufeira está geograficamente melhor indicada para isso.

A que conclusão se chegará não o sabemos. Mas é possível que nem Lagos nem Albufeira venham a possuir um porto de abrigo pela simples razão de que a construção desse porto ainda é muito duvidosa.

A propósito do assunto recebemos uma carta de que a seguir publicamos alguns trechos sem que esse acto implique de nossa parte concordância ou discordância com as ideias neles expostas:

«A maioria da população algarvia, especialmente a piscatória, entende que o porto de abrigo deve ser feito em Albufeira e não em Lagos, como pretende a comissão que há pouco entregou ao governo uma representação.

Albufeira fica geograficamente no centro do Algarve, enquanto Lagos fica quasi no extremo da Provincia, e porisso o porto de abrigo em Albufeira abriga de Vila Real a Sagres todos os barcos em perigo, e com muito mais vantagem, porque é ainda Albufeira o centro e a costa mais abundante em peixe.

E por este motivo só que fôsse, o porto de abrigo devia ser aqui.

Mas há mais?... Albufeira como porto de exportação também é mais importante que Lagos. Alem disso os barcos vindos de Vila Real, Monte Gordo, Fuzeta, Olhão,

As origens e as mentiras das ideias religiosas

Pouco ou nenhum costume tenho de procurar aos adeptos da minha forma de pensar, se leram os meus escritos e com eles concordaram, e isto porque não sendo para eles que eu escrevo, visto que considero rematada *folice* nós dizermos aos outros aquilo que eles já sabem, me não interesso se lêem ou não; o que eu procure sempre saber é se os que comigo não concordam, os inimigos da verdade e os amarrados por convicção, conveniência ou cômismo, ou até mesmo por má fé a anacrónicas velharias inúteis e funestas, os leram, porque para esses é que eu escrevo.

O facto de *A Ideia Nacional*, jornal notado por um principio diferente do meu, me ter apedrejado, como muito bem diz *A Batalha*, tem para mim tão elevada importância, que só lhes não envie um... brinde como agradecimento, pelo recibo da que não o aceitasse. E' certo que o réclame ao meu artigo feito pela tal *Ideia* não deve ter servido de muito, visto que o referido jornal é bastante conhecido, lido e apreciado, mas lá na redacção, mas assim mesmo, nem porisso o meu reconhecimento é menor, pois que se outro valor êle não tivesse, teve o de me ter feito saber que a vergalheira de daqui enviei acertou em cheio na lombreira do animal que visava; e notem agora os leitores, que tendo eu falado de ideia religiosa, que não de ideia politica monárquica, foram os integralistas e não os religiosos que vieram responder, e este facto seria curioso se de antemão se não soubesse que uns e outros se confundem e que aos primeiros tanto como aos segundos, isto é, aos monárquicos tanto como aos católicos convém o predomínio da igreja, pois que só ela pode restabelecer pela opressão, pela treva e pela ignorância o poder dum monarca tarado, idiota ou perverso, que depois de violentamente instalado, lhes faga o jôgo e os deixe dominar.

Nunca a corça se sentiu bem sem ser encimada pela cruz, e daí a resposta de *A Ideia*, e o ganir do animal, mas como a ferida do cão se cura com o pêlo do próprio cão, vamos adiante.

Apesar da preponderância que já disfrutavam esses homens—os ministros, lá mais tarde religião católica—tal e qual hoje lhes sucede, pois por mais forte que seja o seu poder e por mais alta a protecção que disfrutem, nunca se sentem seguros nem contentes; como tudo o que já citei lhes não bastava, podia algum cérebro ter um lampejo de razão, podia alguma consciênci revolvida forçar o bloqueio tão estreitamente mantido.

Que farras então? Se alguém lhes escapasse das garras, se alguém procedesse em desacôrdo com as ideias por eles inventadas e impostas e o castigo anunciado e predito não surgisse e de mais sabiam eles que não surgia, rápido e salvador, a firmar em alcerces indestrutíveis o edificio tão trabalhosamente arquitetado? E eles bem sabiam que não viria; eles mais inteligentes e bem conhecedores das falsidades que apregoavam: o acaso não está às nossas ordens. Como remediar? Como evitar a derrocada que podia surgir dum para outro momento?

E a ideia salvadora appareceu.

As tribus, os povos, tinham chefes guindados a tal lugar pelo direito do mais forte contra o mais fraco, pela astúcia do mais patife contra o mais sério, pela inteligência do mais ardiloso contra o mais estúpido.

Fazendo derivar para esses chefes um tanto da essência divina, cimentavam-lhes a posição, robusteciam-lhe o poder; e em troca, esses chefes seriam o gládio justiciero, a espada vingadora, os encarregados pelos deuses de manter e avigorar na terra o seu poderio e de assegurar e firmar a supremacia sacerdotal. Desta forma, sacerdotes e chefes tinham a lucrar com o negócio; e assim, amparando-se, auxiliando-se mutuamente, chefes e sacerdotes organizaram essa aliança monstruosa que tem sob a sua alçada o universo inteiro: o poder junto da hipocrisia, a mentira enlaçada ao despotismo.

Depois, poder temporal e poder espiritual, intimamente unidos na mesma comunhão de interesses, resolveram dominar o mundo pelo emprego da força, pelo uso da astúcia; diziam: cre e pensa como nós; desenrolavam uma longa série de mentiras, embustes e ameaças sobrenaturais para convencer. Mas se a criatura resistia a tais processos de permação, vinham então os outros e intimidavam-lhe sombrios e severos: «cre ou morres». E o facto é que faziam o dito verdadeiro para quem mostrava o atrevimento de duvidar.

O que parece ainda hoje se pretender fazer nalgumas nações, e se senão tem feito entre nós é porque o ambiente que aqui se respira, apesar de tudo e do fantástico numero de analfabetos que enegreça as estatísticas oficiais, não lhes é favorável. De contrário, teríamos de há muito e nesse ponto voltado ao estado primitivo, uma vez que tão hábil tem sido a sua acção e inteligente a sua campanha.

Porque, diga-se em abono da verdade, a campanha religiosa e jesuítica tem sido de há anos a esta parte tão bem conduzida em Portugal, que a igreja se encontra presentemente mais forte e arrogante que anteriormente a 1910. E' certo que um dos maiores auxiliares da campanha reaccionária têm sido o desinteresse e o cômismo a que os homens da República e até—porque não confessá-lo—dos homens que se dizem possuidores de ideias avançadas, se têm lançado, quanto à sua aproximação com a massa dos que trabalham.

Se a contrabalançar a acção do jesuíta

Faro, Quarteira, Albufeira, Armção de Pera Carvoeiro e Portimão, preferiam recolher, embora em perigo à Barra de Portimão, a irem abrigar-se a Lagos por ser a distância muito maior.

Albufeira também oferece mais vantagem pelo seu ponto estratégico por ter a uma faixa de terreno metida ao mar na praia da Baleeira, onde está o farol, que vem evitar muitos metros de molhe sendo essa parte muito obrigada pelo lado oeste, e toda a parte norte está muito bem abrigada pelos cerros que circundam a terra.

EFEMERIDES

13 de Maio

1808. — E' estabelecida a imprensa régia no Brasil, tendo D. João VI sancionado o respectivo decreto e sendo Hipólito José da Costa o primeiro jornalista brasileiro.
1876. — O patriarca de Lisboa reconhece a secularização dos cemitérios, como propriedade municipal.
1889. — No Porto e Gaia há grande agitação contra os actos da Companhia Vinícola.
1904. — Morre no Porto o socialista Victor de Campos.
1921. — Com o apoio da organização operária, os criados de mesa, empregados de hotéis, restaurantes e artes culinárias, iniciam um movimento de protesto contra o uso da caderneta, imposto pelo governador civil de Lisboa, o democrático Leão Pereira.
1925. — Na Áustria, uma jovem búlgara assassina Dimitroff, chefe do partido macedónico.

NOTAS
COMENTÁRIOS

O descarrilamento de Figueirinhas

Os jornais voltam a falar do trágico descarrilamento da Figueirinha. E como em Novembro de 1921 inventam-se todas as hipóteses menos a que se aproxima da verdade: que o atentado foi de natureza política e seus autores pessoas gratas a quem não convém tocar.

Facto da Silva, que tanto pode ser o bárbaro autor como o comediante que pretende despirar a polícia, é indicado à turba-mulda como o homem que em 9 de Novembro de 1921 colocou uma vigia de ferro a meio da linha, provocando a tragédia.

Mas já que se fala nisso talvez não recordemos alguns factos muito elucidativos e bastante comprometedores para algumas pessoas...

ALTO! VÁ POR ALI...

Prossigue a experiência da nova regulamentação do trânsito de peões

Lá esteve ontem e anteontem a polícia postada à entrada dos passeios no Rossio gritando para os transeantes:

— Alto! Vá por ali... —

As peripécias foram as mesmas. Protestos, irritação da polícia e as mesmas hesitações do público. Por mais que insistiam ele não passa do A B C. Difícilmente saberá quantas letras formam o alfabeto do sr. Ferreira do Amaral...

A acrescentar ao aparato do primeiro dia temos agora algumas praças de cavalaria da guarda republicana dando um aspecto belico ao Rossio.

O regulamento do trânsito de peões termina às 21 horas. Depois dessa hora o público esquece-se que o comandante da polícia viu há pouco em Madrid... e atravessa o Rossio com a despreocupação natural de uma pessoa que não tenciona aprender a andar...

Financiamento de Angola

Vai ser muito brevemente publicado o decreto que manda abrir no Ministério das Finanças, um crédito para financiar a província de Angola, quantia esta que se refere à última prestação do crédito de nove mil contos ouro que há tempo se fez a favor da mesma Colónia.

Estivesse a acção daqueles que anteriormente tanto se esforcaram para a educação e democratização do povo, não teríamos a lamentar as demonstrações de fanatismo a que diariamente nas ruas assistimos; nem sequer o desinteresse das classes pelos seus sindicatos profissionais ou das multidões pela causa pública. Mas não, eles têm manobrado perfeitamente à vontade como em país conquistado, tomando ontem conta da igreja, hoje da escola, da oficina, da casa ou da repartição, como amanhã da nossa própria consciência.

E' provável que alguém venha dizer que os meus escritos são inoportunos porque a igreja presentemente se não mexe, nem se agita, mas a esses direi que, a-pesar-dessa paz, aparente, a luta continua e continuará ainda por longo tempo; porque a igreja não nos enganemos — por uma absoluta necessidade do seu ser, por necessidade do seu pensamento e da sua acção, isto é, pelo fundo egotismo de dominar as almas, o mundo, e assegurar a influência temporal do seu poder, não desiste, não capitula perante o inimigo vitorioso.

De resto, insensato seria supor que ela abandonasse a luta ao reconhecer a sua impotência em frente das armas triunfantes contrárias.

A igreja quando muito molda-se a todos os estados e adere a todos os governos ou formas de governo, mas, para mais facilmente se conduzir, visto que não lhe importam os meios: o que deseja é os fins.

Ela, a herdeira dum São Tomaz de Aquino, dum Loiola e dum Pio IX.

Castista, perspicaz e orgulhosa, encontra ainda meio de aguentar a posição compromettida na verdade, mas em que já jamais desistirá de deter o que um dia conquistou.

Aqueles que julgam a igreja alguma vez adormecida ou agarrada a qualquer forma de governo, direi: a igreja reconciliar-se? Impossível. Morrer? Não está no seu ânimo.

Combate-la em seus fundamentos, atacá-la em sua origem, desrespeitando as convenções, hipocrisias das classes e afrontando as conveniências ilegítimas, imposturas e ridiculizações do meio, eis o que se torna indispensável para um resultado mais rápido e fecundo do espírito emancipador das sociedades tributárias do sentimento religioso e poder teológico.

Aos homens, hoje vítimas da sua incúria, pagando o erro da sua imprudência, compete amanhã ou depois, quando as circunstâncias o permitirem, pela educação, pela preparação das massas, dar golpe fundo e rijo, naquelas cuja pátria reside em Roma, e cujo poder se manifesta em toda a parte em que a consciência vacila. E até lá, mesmo sem consentimento dos senhores de *A Ideia* e sem nos importarmos com as suas interessantes comparações, iremos dirigindo aqueles que nos lerem, tudo quanto sabemos a respeito da ideia religiosa; e dessa grande potência universal, que quanto mais declina para a morte e mais de perto tem o pressentimento da sua derrota, mais forte e arrogante se pretende mostrar, como se ela, contra derrota definitiva, lhe desse alento para a reacção do seu poder que se limita, enfraquece e extingue.

Paulo Emilio

O escândalo da Exposição do Rio de Janeiro

Prossigiu ontem o julgamento dum dos principais incriminados

Foi ontem a segunda audiência do julgamento do major sr. Malheiro Reimão que está decorrendo no Tribunal Militar, a Santa Clara.

A audiência que começou às 12,35 teve a animação, logo de início, um incidente provocado pelo defensor. Este pretendeu demonstrar que o depoimento do sr. Lisboa de Lima não tem valor jurídico, visto que a testemunha é participante dos factos de que o presente processo se ocupa, e contra ele existe um processo criminal instaurado no foro comum, em virtude dum despacho ministerial. Esse processo corre em segredo de justiça pelo 5.º juízo de investigação criminal, 2.ª vara.

O promotor contestou afirmando que, a-pesar disso, o depoimento tem valor legal. Intervém o juiz auditor, alegando que a impugnação da defesa é extemporânea e que o depoimento tem valor.

O sr. Almeida Ribeiro salienta ainda que o major Malheiro Reimão é acusado de factos por ele praticados, quando o sr. Lisboa de Lima ainda se não encontrava no Rio de Janeiro. E se é certo que o primeiro era um delegado do segundo, os actos de delinquência praticados pelo major Malheiro Reimão eram unicamente da sua responsabilidade, embora o sr. Lisboa de Lima possa ser responsável civilmente por quaisquer prejuízos causados ao Estado pelo seu delegado no Rio, nos termos da lei.

Primeira testemunha a depor, engenheiro Luís da Costa, que foi pagador da comitiva do sr. Lisboa de Lima, declarou que quando chegou ao Rio de Janeiro, havia 250 contos em cofre e que nessa altura estava ainda por pagar uma divida de 300 contos à Casa Terra & Irmão. Se o sr. Malheiro Reimão quisesse, essa conta seria saldada até à quantia de 250 contos. Mas ele recusou-se terminantemente a fazer o pagamento, dizendo que o não pagassem, porque já lá tinham muito dinheiro.

A testemunha afirma que o sr. Malheiro Reimão nunca teve dinheiro da exposição em seu poder, e, portanto, que o não podia desviar em seu proveito, ainda que quisesse.

O sr. Tomás de Figueiredo Xavier, outro passageiro do *Pedro Nunes*, que foi ao Rio por conta do Estado, a fim de contabilizar as despesas feitas com a exposição, declarou que na verdade as facturas da Casa Terra não estavam conforme as leis da contabilidade portuguesa. E que é próprio se dividir a Casa Terra, a fim de discriminar todas as verbas lançadas em globo nessas facturas.

Por este depoimento averiguou-se que o sr. Malheiro Reimão ganhava no Rio, cerca de trezentos contos em moeda portuguesa.

Uma bagatela...

O sr. Pereira de Castro, funcionário da Exposição, atribuiu a paragem das obras dos pavilhões à falta de material. Procedeu à sua vistoria o sr. José Augusto Prestes, engenheiro à moda do Brasil. Declara ainda que no Rio classificavam de crime a manciara como decorreram os trabalhos e que a campanha contra o Comissariado era justíssima, visto ter sido ele o responsável pelo descalabro. Acusa o sr. Malheiro Reimão de ter tido uma cota parte de responsabilidade no escândalo.

O sr. Alfredo Pinto da Silva, chefe da contabilidade da Exposição, não mantém a principio as acusações que constavam do processo, pelo que chegou a acusá-lo de falta de coragem moral.

O sr. Adriano de Vasconcelos fez largas referências às irregularidades havidas na construção dos pavilhões, irregularidades atribuídas ao desleixo do sr. Malheiro Reimão.

O escultor Costa Mota (sobrinho) verificou o atraso da construção dos referidos pavilhões, atribuindo-o a desleixo e a impiedade do sr. Reimão ou a conveniência deste com a casa Terra.

Instada pelo presidente do júri, a testemunha diz que houve, realmente, falta de material para a construção dos pavilhões. — A caravela que devia encimar o pavilhão de honra chegou três meses depois do pavilhão inaugurado e a vidraria, por exemplo, nunca chegou...

Afirma que nunca viu nem maior descalabro, nem tanta incompetência junta.

O depoimento do sr. Serra Ribeiro, a-pesar-de ser fértil em acusações, não ofereceu interesse, nada tendo acrescentado ao esclarecimento do escândalo.

O julgamento prossegue amanhã.

Agua do Andaluz

A comissão de defesa e melhoramentos da agua de Andaluz pediu à Câmara Municipal diversos trabalhos de beneficência às condições higiénicas em que aquela agua era captada. A Câmara mandou realizar as obras pedidas e a comissão ofereceu a tubagem para a nova canalização da nascente ao chafariz.

Já está concluída a montagem do tubo, com cinco bicas, por onde fica correndo somente a agua do poço da nascente, e pela bica primitiva de pedra as aguas das galerias subterrâneas que se juntam na cisterna.

A comissão vai agora instar pela transformação do Largo de Andaluz e construção do novo chafariz, necessário complemento destas obras.

A odisseia de uma criança

Foi reconhecida a mulher que há cerca de um mês está sem fala no hospital Estefânia.

Por sua comadre e pelo seu irmão António Marcos Rodrigues, foi ontem reconhecida na enfermaria de Santa Catarina do hospital Estefânia, aquela pobre mulher que no dia 24 de Abril foi encontrada na via pública sem fala, recolhendo em seguida àquele hospital.

Como há dias referimos essa mulher fazia-se acompanhar por uma criança de tenra idade de que se ignorava a identidade, criança que anteontem foi internada na Misericórdia de Lisboa, a instâncias do director geral dos hospitais civis, dr. Matos Chaves.

Soubes-se agora que se trata de Maria do Carmo Rodrigues, natural de Portel, de 27 anos, casada, criada e residente na travessa de Santa Ana, 46, 1.ª.

A criança chama-se Pedro de Jesus, filho de pais incógnitos e nasceu no hospital de São José no dia 23 de Março de 1924.

Uma pavorosa explosão na fábrica de pólvora de Barrarena

que ruiu a vida a um operário e feriu outros nem pé

Na manhã de ontem a população foi sobressaltada com a notícia de uma explosão na fábrica de pólvora em Barrarena.

Fizeram-se as mais trágicas conjecturas: que tinham perecido na catástrofe dezenas de operários, que a fábrica estava ardendo e o fogo recuando a carvões corpos humanos.

Felizmente a tragédia não teve a gravidade que se lhe atribuiu. Custou a vida a um operário e atraino para o hospital com outro.

Tristes mesmo muito tristes foram as consequências desta explosão. Mas não tiveram o aspecto que se dizia.

E trágica coincidência. Ontem fez 45 anos que na mesma fábrica se deu uma explosão, essa então muito maior, que custou a vida a quasi uma dezena de operários.

Quem diria que a crueldade do destino viria também enlutar esta efeméride de 60?

Mas vamos ao desastre. Às 10,30 horas, quando o operário artífice 112, Carlos Joaquim da Silva, procedia ao carregamento de facho para sinais de cor azul deu-se uma tremenda explosão que fez rebentar a matriz de bronze, incio as anilhas cravar-se no abdome do infeliz, causando-lhe a morte, quasi instantaneamente.

O operário artífice António Pedro da Silva Júnior que se encontrava próximo ficou ferido num pé, sendo imediatamente transportado ao hospital da Estrela, ficando numa dependência da fábrica o corpo do seu malogrado companheiro.

Ficou destruída parte da casa onde se deu a explosão.

Os socorros não se fizeram esperar, pois 5 minutos depois da tragédia o médico de serviço da fábrica, dr. Gabriel de Almeida, fazia os primeiros socorros, infelizmente sem resultado para o operário Carlos Silva.

Compareceram imediatamente o coronel Florindo, dr. Bastos da Fonseca, major Rocha, capitães Saúde e Rocha e tenentes Almeida e Ferreira, um representante do administrador do concelho de Oeiras e os bombeiros de Barrarena, Paço de Arcos e Linda-a-Pastora.

O pânico em Barrarena e arredores foi indiscutível.

O funeral do operário Carlos Joaquim da Silva deve realizar-se amanhã.

DESPORTOS

NO ESTRANGEIRO

2.ª Olimpíada Operária na Tcheco-Eslaváquia

Na planície de Petrin-Höhe, em Praga, continua activamente a construção do Estádio Olímpico, o qual ocupa 327.000 metros quadrados e custa dois milhões de coroas. Espera-se que os trabalhos estejam prontos duas semanas antes dos dias das crianças, fixados para 26 de junho. A propaganda da festa está a ser feita com o auxílio da radiotelevisão, em emissões às segundas e quartas-feiras sobre os trabalhos preparatórios. O alojamento dos concorrentes será feito em 105 escolas e 5 casas de exposição. Para este fim vão ser necessários 400.000 sacos de palha. Os trabalhos preparatórios estão incumbidos a 206 camaradas. Nos caminhos de ferro do estado é concedido o abatimento de 60 por cento aos concorrentes. A festa principiará no dia 2 de julho e terá o seu auge em 6, dia em que terá lugar o cortejo solene. — (Ilk Esperanto)

Futebol na Alemanha

No dia 30 de Abril, em Dresden, o "Dresdener Sportverein" de 1916 conquistou o campeonato da Associação Desportiva e Gimnástica Operária da Alemanha, derrotando, em futebol, o "Turn und Sport-Verein-Nürnberg-West" por 4 a 1.

O «Box» proibido na Rússia

Os representantes das Juventudes Comunistas e de outras organizações, tendo visitado os concursos pan-russos de atletismo (Leningrado), manifestaram a sua opinião concordando com a proibição do «box», por desenvolver instintos selvagens, não devendo por esse facto ser recomendável às organizações operárias desportivas. O conselho superior de cultura física, discutindo o assunto, resolveu declarar o «box» prejudicial à saúde, e como espectáculo, debaixo do ponto de vista social-pedagógico, nocivo. Foram proibidos em consequência os combates públicos de «box».

Na Ucrânia, o «box» havia sido proibido já há mais tempo. — (Ilk-Esperanto)

Desafios de futebol

LONDRES, 12. — A Inglaterra bateu a Bélgica em futebol por 8 a 1. — (L.)

BRUXELAS, 12. — A «equipe» nacional dos profissionais ingleses de futebol bateu a «equipe» nacional de amadores belgas por 9 a 1. — (L.)

Corridas de aeroplanos

SOUTHAMPTON, 12. — No próximo domingo, concentrar-se-ão em Southampton, 50 aeroplanos, 30 dos quais efectuarão corridas em Hangle Newn. — (L.)

Desafio de «tennis»

BARCELONA, 12. — A Índia bateu a Espanha no desafio de «tennis» para a conquista da taça David. — (L.)

Provas de natação

COLONIA, 11. — O nadador alemão Viktor Kottre partiu para Montreal (Canadá) onde vai tomar parte nas provas de natação, a realizar naquele estado, cujo percurso é de mais de 20 milhas. No seu regresso tenciona atravessar de novo a Mancha, a fim de bater o «record» existente. — (L.)

Exposição de rosas

A exposição dos floricultores portugueses Alfredo Moreira da Silva & Filhos, inaugurou-se ontem no salão nobre do Teatro Nacional com a assistência do elemento oficial.

Como nos anos anteriores, os conhecidos floricultores deram-nos lindíssimos exemplares, que atestam o cuidado e gasto dos seus cultores.

A entrada da exposição, que encerra no próximo domingo, é paga revertendo o produto em favor das casas de beneficência.

ACORRENDO NO APELO de «A BATALHA»

A situação de «A Batalha» continua a ser crítica.

Conquanto muitos camaradas já lhe tenham prestado a sua solidariedade, é necessário um grande esforço de toda a organização operária, para que o jornal possa assegurar a sua existência.

No próximo sábado, pois, devem todos os trabalhadores conscientes concorrer com uma cota-parte de auxílio para a manutenção de «A Batalha», o único jornal que neste momento se bate em defesa da liberdade.

Transporte

António Fonseca Jr. (Albucera) 2.573\$00
J. S. C. 10\$20
F. S. C. 2\$30

Fábrica «Elite» (Pessoal externo da Secção Manual — lista n.º 1, 50\$50):

A. A. C. 2\$50
César Dias 2\$50
Manuel dos Santos 1\$50

António Jesus 2\$50
João da Silva 1\$50
Leonel Silva 2\$50

Artur Jesus 2\$50
José Pinto 1\$50
Sol. 2\$50

Guerreiro 2\$50
Vitor Lavado 2\$50
Raul Gonçalves 1\$00

José Domingos Santos 2\$50
José Romeu 2\$50
José de Oliveira Leitão 2\$50

Alberto Figueiredo 2\$50
Amantino Nascimento 2\$50
Domingos Mendes 2\$50

Domingos 2\$50
Maximiano Loureiro 5\$00
Adriano Gil 2\$50

Fábrica «Elite» (Secção Mecânica da Central — lista n.º 30, 50\$00):

Ambrósio Serra 2\$50
Carlos Silva 2\$50
Manuel Barros 2\$50

António Augusto Calgado 5\$00
Carlos Gaspar 2\$50
João Marques Silva 2\$50

João Ferreira Nunes 1\$50
Mamuel Braga 2\$50
José Nunes de Melo 2\$50

João de Carvalho 1\$00
Eduardo Silveira 1\$50
João Cristóvão 1\$00

João Augusto de Almeida 1\$00
Ema Baptista 1\$00
Ana Rosa 1\$00

Branca 1\$00
Américo Gomes Lopes 1\$00
João Capinha 1\$00

Mário Santos Vitor 1\$50
Florindo Tomás dos Santos 1\$00
José Martins 5\$0

Anónimo 1\$50
João Futre 1\$00
Serafim dos Anjos 2\$50

António Gomes 5\$0
Farinha 5\$0
José Moita 5\$0

Alberto Bernardo 5\$0
António da Linz 5\$0
Raul Martins 5\$0

Francisco Lázaro 5\$0
José Teixeira 5\$0
Isidoro Pedro de Oliveira 1\$00

José Nunes 1\$00
Cristina Santos Serra 1\$00

AGREMIações VARIAS

Junta de Freguesia da Graça. — Sobre o conflito suscitado entre a direcção desta Junta e o proprietário da casa onde a mesma se encontrava instalada, fomos ontem procurados pelos srs. Eduardo Silva e Diamantino de Almeida, vogais da referida Junta, que nos comunicaram não ter esta aceite a renda que se lhe pretendia impor por ser elevadíssima, agravada com a circunstância de, simultaneamente, o senhorio ter retirado a residência à continua da Escola, impossibilitando esta dos seus serviços.

A importância de 350\$00 corresponderia assim ao aluguer duma sala, um gabinete e uma dependência que servia de W. C. às crianças. Estes senhores afirmaram ter em seu poder documentos que ficavam a ordens de quem os quisesse examinar e que provavam a veracidade das suas asserções. *A Batalha*, nada tendo que ver com estas questões, entende que não é nela o lugar mais apropriado à sua discussão.

Liga pró-Moral

Na festa que esta instituição de beneficência realiza no próximo domingo, a fim de comemorar o seu 10.º aniversário e na qual serão apresentadas mais 6 crianças órfãs vestidas e calçadas às expensas da mesma Liga, toma parte, além da Banda da Associação Concentração Musical 24 de Agosto, e da Troupe de Bandolistas «Os Azeis», o conhecido prestidigitador sr. Jaime Raposo.

Importação de livros nas Colónias

Pela pasta das Colónias, vai ser publicado um decreto, isentando de direitos de importação nas alfândegas das Colónias portuguesas a entrada de livros ou publicações de carácter científico, literário ou artístico.

Sobre esta importação não poderá recair qualquer outro imposto geral ou local, excepto o imposto do selo.

Não é extensiva às publicações acima referidas a taxa de soberania colonial criada pelo decreto n.º 12.432 de 8-10-926, entendendo-se porém que, quanto à taxa da alínea A do artigo 1.º do mesmo decreto, a isenção se refere tão somente às casas ou livrarias destinadas exclusivamente ao comércio de livros e que provem manter relações comerciais com as Colónias.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

TEATROS
MUSICA
CINEMAS

No Conservatório

O recital de piano de D. Beatriz Correia

D. Beatriz Correia, discipula de alguns dos melhores professores de piano de Portugal e do estrangeiro realizou no Conservatório um recital em que manifestamente revelou as suas prometedoras aptidões de executante. Essas aptidões consistem principalmente na facilidade de ataque às notas de mais responsabilidade e na expressão própria imprimida às várias nuances do sentimento. D. Beatriz Correia, que sabe sentir-se ao piano, o que nem todos logram, possui a par dessa bela qualidade delicada, ou antes defeitos que o tempo corrigirá e para isso bastará que domine os seus nervos e não dê lugar à exteriorização da sua sensibilidade demasiadamente intensa.

Do entusiasmo de quem toca, do calor com que sente: resulta às vezes uma exuberância de movimento deducir que conduz a precipitações que nem pianista não devem existir de modo algum.

A interpretação de qualquer autor por muito sugestiva que seja a sua maneira de compor, não autoriza a que o intérprete se dê a entusiasmos desmedidos que sacrificam a fidelidade da execução, a devaneios de som, a tumultuações de notas, sobremaneira desagradáveis para quem sabe o que está a ouvir. Precisamente porque D. Beatriz Correia revela uma interessante personalidade como pianista é que nós lhe fazemos desacommodadamente estas observações. Quem, como ela, sente *Les cyclopes* de Rameau e *Brayres* de Debussy, deixa-nos a impressão mais agradável do seu temperamento e da sua vocação. O concerto de D. Beatriz Correia foi bastante interessante devendo salientar-se nele a interpretação dada a *Berceuse* de Chopin e às *Sonatas* de Scarlatti. Estes números e os que já citámos de Rameau e Debussy tiveram na verdade uma feliz interpretação.

Nogueira de BRITO

EDEN-TEATRO

«A Mouraria» por preços populares

O Eden é um dos mais vastos teatros da capital, permitindo-lhe esse facto que tenha lugares por preços ao alcance de todos e assim é que o público pode ali apreciar com insignificante dispêndio a linda opereta «A Mouraria», cuja música encantadora já todos cantam, tão popular se tem tornado. Na «Mouraria» que a Companhia Almeida Cruz desempenha brilhantemente, toma agora parte o exímio cantador Mário Fernandes, notável intérprete de A Canção Nacional, em que é sempre aplaudidíssimo.

SALÃO FOZ

70 representações

Atinge hoje 70 representações a revista «Secretários do Amantes», em scena no Foz. Os números de Hortense Luz, Adalina Fernandes, Maria Laura e Luísa Durão, a orquestra de «jazz» «Foz Melody Band», as «Fcz Girls», são os principais. Os espectadores de hoje começam pela exibição do «film» dramático em 7 partes «Sacrifício inútil».

COLISEU

Um magnífico programa cinematográfico

Realiza-se hoje no Coliseu dos Recreios o último de uma série de espectáculos cinematográficos, exibindo-se pela única vez os admiráveis «films» d'arte «Robin dos Bosques», em 11 partes, soberba criação do grande «az» do cinema Douglas Fairbank, e «O Tio Górgio», em 7 partes, pelo célebre actor Barrymore. Completa o programa o jornal de actualidades «Revista Mundial».

GIMNASIO

Um adiamento

Só no começo da próxima semana se efectua a reabertura do teatro do Gimnasio, inaugurando a sua época de verão com a comédia farça «O perigo amarelo», cujos ensaios prosseguem activamente.

A banda dos Bombeiros Municipais dá hoje um concerto na Avenida da Liberdade

A banda de música do Corpo de Bombeiros Municipais, dá hoje um concerto na Avenida da Liberdade, das 21 às 23 horas, com o seguinte programa:

1.ª Parte: Nossa Senhora do Ar, (Marcha), Filipe Duarte; Nabucco, (Sinfonia), G. Verdi; La Folia del Reggimento, (Seleção), G. Donizetti; Suite Portuguesa, Ruy Coelho; Concurso do Estoril, (Fantasia), Mendes Canhão.

2.ª Parte: Limia, (Ouverture), J. Margues; Uma festa no Minho, (Rapsodia), M. Reis; Rollon, (Ouverture Dramatique), G. Parés.

Espectáculos de hoje

TEATROS

São Luís—A's 21,30—Bairro Alto.
Eden Teatro—A's 20,45 e 22,45—Mouraria.

Variedades—A's 20,30 e 22,30—A Sagrada Família.
Avenida—A's 21,30—O bom ladrão.

Maria Vitória—A's 20,45 e 22,45—Reviravolta.
Coliseu dos Recreios—A's 20,45—Animatógrafo.

Salão Foz—A's 15 e 21—Secretário dos amantes.
João de Almeida—A's 20 e 21—Cinema e variedades.

CINEMAS

Chiado Terrasse.—Todas as noites animatógrafo.
Tivoli.—Todas as noites animatógrafo.

MARCO POSTAL

Fagundes — Segue o jornal por assinatura. Belmiro Pinheiro. — A lista já seguiu, tem o n.º 81.

LEILÃO DE PENHORES

R. A. M. Alegrete, 30
Definitivamente a 16

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Assembleia geral extraordinária dos srs accionistas

2.ª CONVOCAÇÃO

Não se tendo podido constituir a assembleia geral extraordinária, convocada para hoje, por falta de número legal de srs. accionistas, em conformidade com o art. 34.º dos Estatutos são novamente convocados os srs. accionistas a reunir em assembleia geral extraordinária na quinta feira, 19 de Maio corrente, pelas 15 horas, na sede social desta companhia, Estação Central do Rossio.

Nos termos do citado artigo dos Estatutos e do art. 184.º do Código Commercial poderá esta assembleia geral extraordinária constituir-se e deliberar validamente, qualquer que seja o numero de srs. accionistas presentes ou representados, bem como qualquer que seja o quantitativo do capital representado.

A ordem do dia para esta assembleia extraordinária é a mesma que tinha sido indicada para a assembleia originariamente convocada, e cujo teor é o seguinte:

ORDEN DO DIA

Apreciação de assuntos relativos à doutrina de que tratam o §.º 6.º do art. 3.º e a alínea a) do art. 18.º dos Estatutos.

As cartas de admissão à assembleia geral serão passadas pela comissão executiva da companhia em vista dos depósitos das acções.

Lisboa, 4 de Maio de 1927.

O vice-presidente da mesa da assembleia geral, José Feliciano da Costa.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

LEILÃO

Em 23 do corrente e dias seguintes, às 11 horas na estação desta companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Público A.º 1.º de Fevereiro de 1920, do Artigo 114.º da Tarifa Geral e do Artigo 9.º da Tarifa de Despesas Accessorias, proceder-se-á à venda em hasta pública de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Aviz-se, portanto, os respectivos consignatários, de que poderão ainda retirá-los, pagando o seu débito à Companhia, para o que terão de dirigir-se à Repartição de Reclamações e Investigações na estação do Cais dos Soldados, todos os dias úteis até 21, das 10 às 17 horas.

O leilão realiza-se no Armazém situado ao fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da calçada de Santa Apolónia, defronte do gradimento.

Lisboa, 6 de Maio de 1927.—O engenheiro sub-director, Lima Henriques.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

A EPOPEIA DO TRABALHO

— POR —

Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro tratado ao Trabalho, com dezenas de gravuras.

A venda nas livrarias, ao preço de 6\$00 e, á cobrança, de 7\$00.

Pedidos a Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor: Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2.ª — Lisboa — Portugal.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 93
TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 5 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 h. Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 h. Pele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e as 5 h. Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 h. Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 h. Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 h. Doenças das senhoras—Dr. C. Afonso—2 h. Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 h. Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Romão—3 h. Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas. Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas. Rcio X—Dr. Aleu Saldanha—1 hora. Análises—D. Gabriela Beato—4 horas.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

AVISO AO PUBLICO

Faz-se público que, tendo sido adjudicada a esta Companhia a exploração das linhas férreas que o Estado estava explorando directamente, a mesma Companhia vai continuar de sua conta a exploração das referidas linhas a partir de 11 do corrente.

Embora temporariamente continue, para o tráfego que haja de transitar por Companhia, Vendas Novas ou Lisboa, a executar-se determinadas formalidades de transmissão, as taxas correspondentes a essas formalidades ou às operações das derivadas deixam de ser cobradas ao público a partir do indicado dia.

Lisboa, 9 de Maio de 1927.—O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua industria, tais como: edificações, reparações, impermeabilização de telhados, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A, 2.ª

Banco de carpinteiro

VENDE-SE e ferramentas tudo em bom estado. Ver e tratar na rua da Trombeta, 4 (ao Bairro Alto) das 9 às 17, todos os dias, excepto ao domingo.

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA,

IDEARIO

que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capitulos: Doctrina — Critica Social — Educação — Liberdade — Tactica — Evolução — Revolução — Violência — Libertad — Autoridade — Ensayos Filosóficos — Ideias Económicas — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Española — Homens Representativos — Trabalhos Polémicos — Lecturas — Fragmento Incerto.

Preço 18\$00 — Pelo correio 19\$53

Pedidos à administração de A Batalha.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 53 desta novela intitulada *Laude Amor* por Elias Garcia. Preço, 60¢. Pedidos à administração de A Batalha.

Experimentar é adoptar

O único que rivalisa excedendo em qualidade as melhores marcas estrangeiras

O seu maior e melhor reclame é feito pelo próprio consumidor

PO RODRIGUES

O MAIS EFICAZ DESTRUIDOR DE BARATAS, PULGAS, FORMIGAS, PERCEVEJOS, ETC.

Pedir em todas as Drogarias, Mercarias e Lojas de Ferragens E PARA REVENDA

Aos depositários—SALVADOR BARATA, L. da 19-A, RUA DAS ORNATAS, 19-C (FABRICANTES DOS ALVALADES MARCA "GAIVOTA")
R. Dr. Sousa Viterbo, 110-Pórtico José de S. Ferreira & C.º Centro Commercial de Drogas, 11-P. do Comercio 27, 1.ª Coimbra

Biblioteca de Instrução Profissional

Elementos gerais

Algebra elemental..... 13\$00
Arithmetica..... 15\$00
Desenho linear geometrico..... 12\$00
Elementos de electricidade..... 30\$00
Elementos de fisica..... 12\$00
Elementos de Mecanica..... 12\$00
Elementos de Modelação..... 12\$00
Elementos de Projectos..... 16\$00
Elementos de Quimica..... 12\$00
Geometria plana e no espaço..... 13\$00
Fabricante de tecidos..... 13\$00

Mecânica
Torneiro e Frezador mecânicos..... 15\$00
Desenho de máquinas..... 25\$00
Material agricola..... 13\$00
Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor..... 13\$00
Problemas de máquinas..... 16\$00

Construção Civil
Acabamentos das construções..... 16\$00
Alvenaria e Cantaria..... 13\$00
Edificações..... 13\$00
Encanamentos e salubridade das habitações..... 13\$00
Materiais de construção..... 20\$00
Terraplenagens e alicerces..... 13\$00
Trabalhos de Carpintaria..... 16\$00

Diversas indústrias
Condutor de Máquinas..... 20\$00
Fogoeiro..... 16\$00
Formador e estuador..... 12\$00
Fundidor..... 13\$00
Pilotagem..... 16\$00
Industria alimentar..... 12\$00
Industria do vidro..... 12\$00

Manuais de officios
Galvanoplastia..... 18\$00
Motores de explosão..... 20\$00
Navegante..... 16\$00
Cimento armado..... 25\$00

FABRICA

eladrillos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

NORTE 5521 e 5528

São os telefones dos 60 taxis

CITROËN

(Palhinha amarela)

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

que devido aos seus postos e garages espalhados pela cidade servem os seus clientes com grande economia de tempo e de dinheiro

GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede) e Avenida Almirante Barroso, 21

SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

Edições de A SEMEITEIRA

Práticas neo-maltusianas..... 5\$0
O sentido em que somos anarquistas..... 5\$0
A peste religiosa..... 5\$0
A Liberdade..... 5\$0
A Internacional (música e letra)..... 3\$0

Pedidos a A BATALHA ou no Caiso Sodré, 82

LA NOVELA SOCIAL

LLAMAS DE ODIO
E' o titulo do n.º 13 da interessante coleção de novelas que se publicam em lingua espanhola sob o titulo generico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de 80¢. Pelo correio 90¢.

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIENCIA E ENSINO

Abel Botelho — Amanhã.....	16\$00	Jorge Teixeira, — Catunhos de Luva Branca — A Escamalha (peças de teatro).....	25\$0
Alexandre Herculano.....		Julio Quintinha.....	
Lendas e Narrativas (2 volumes).....	18\$00	Visinhos do Mar.....	8\$00
Cartas (2 volumes).....	18\$00	Cavallada do Sonho.....	8\$00
História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols.).....	27\$00	Terras de Fogo.....	8\$00
Adolfo Lima.....		Dor vitoriosa (novela).....	5\$00
Contracto do Trabalho.....	10\$00	Laisant, — Iniciação matemática.....	5\$00
Educação e ensino.....	5\$00	Malvert, — Sciéncia e Religião.....	10\$00
O ensino da história.....	1\$50	Mário Domingues — Hugo, o pintor (novela).....	2\$5
Aquino Ribeiro.....		Anastacio José (idem).....	2\$5
Anatole France.....	3\$00	Manuel Ribeiro.....	
Estrada de São Tiago.....	10\$00	Poder redentor (novela).....	2\$5
Jardim das Tormentas.....	10\$00	Mirbeau, — O Jardim dos Suplicios.....	4\$00
Via Sinuosa.....	10\$00	Nogueira de Brito.....	
As Filhas da Babilônia.....	10\$00	— Memórias de Angela Pinto Sanguê Fidalgo (novela).....	15\$00
Terras do Demo.....	10\$00	Não, diz a Lei (novela).....	3\$5
Augusto Machado — Impossível redenção (novela).....	2\$5	Pargama — Origem da vida.....	6\$00
Augusto de Sousa — Fôlhas perdidas (Fados).....	10\$00	Oliveira Martins.....	
Bento Faria, — Missa nova (teatro em verso).....	2\$00	Helenismo e a Civilização Cristã.....	15\$00
Binet-Sanglé — A loucura de Jesus.....	4\$00	História da Civilização ibérica.....	15\$00
Buckner, — O homem segundo a sciéncia.....	12\$00	História da República Romana (2 volumes).....	30\$00
Charles Darwin — Origem das espécies.....	14\$00	História de Portugal (2 vols).....	30\$00
Campes Lima.....		Raças Humanas (2 vols).....	30\$00
O Estado e a evolução do Direito.....	12\$00	O Brasil e as Colónias Portuguesas.....	15\$00
O Amor e a Vida.....	5\$00	Cartas Peninsulares.....	15\$00
Ceia dos Pobres.....	2\$00	Sistema dos mitos e ficções religiosas.....	15\$00
A Revolução em Portugal.....	6\$00	Orlando Margal.....	
Cristiano Lima — A escola de Nun'Alvares (novela).....	2\$5	Agua clara.....	6\$00
Duarte Lopes — Frei Sanguê.....	5\$00	Imagens de Sonho.....	1\$00
Ega de Queiroz.....		Raul Brandão.....	
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Os Pescadores.....	10\$00
O primo Basilio.....	15\$00	Os Pobres.....	10\$00
O Mandarim.....	8\$00	O Teatro.....	8\$00
Os Maias (2 vols).....	28\$00	Spencer — Da Educação (br. 5\$00) etc.....	8\$00
A Religião.....	15\$00	Sobral de Campos — Dois tiros (novela).....	2\$5
A Cidade e as Serras.....	12\$00	Tolstoi, — A sonata de Kreutzer.....	4\$00
Fradique Mendes.....	9\$00	Ana Karenine (3 vols).....	15\$00
Caça Ramires.....	15\$00	Toulouse, — Como se deve educar o espirito.....	4\$00
Prosa Barbas.....	10\$00	Wenceslau de Moraes.....	
Ecos de Paris.....	9\$00	Dal-Nippon.....	12\$50
Cartas Familiares.....	9\$00	Victor Hugo.....	
Cartas de Inglaterra.....	9\$00	França e Belgica.....	10\$00
Minas de Salomão.....	9\$00	O Reno (2 v.).....	15\$00
Notas Contemporâneas.....	15\$00	Os Miseráveis (2 grossos vols).....	40\$00
Ultimas páginas.....	15\$00	Zola.....	
Contos.....	15\$00	A Taberna.....	12\$00
Ernesto Haackel.....		Tereza Raquin.....	5\$00
História da Criação.....	20\$00	Alegria de viver (2 vols).....	8\$00
Origem do Homem.....	5\$00	A conquista de Plassans, (2 vols).....	20\$00
Os enigmas do Universo.....	14\$00	Fecondidade.....	20\$00
Monismo.....	4\$00	A fortuna dos Rougons, (2 vols).....	8\$00
Religião e evolução.....	6\$00	Uma página de amor.....	9\$00
As maravilhas da vida.....	14\$00	Dr. Pascal.....	8\$00
Faguet, — Iniciação filosófica.....	5\$00	FOLHETOS.....	
Iniciação literária.....	10\$00	Eliseu Reclus — Anarquia e Igreja.....	1\$00
Faria de Vasconcelos.....		A Evolução legal e a anarquia.....	3\$0
Problemas escolares.....	5\$00	Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura.....	5\$0
Por terras de além mar.....	5\$00	José Prat, — A burguesia e o proletariado.....	5\$0
Ferreira de Castro.....		A necessidade da Associação.....	5\$0
Sangue Negro.....	2\$50	Content, — Contra o confusãoismo.....	3\$0
Sendas de Lirismo e de Amor.....	8\$00	Alfredo Neves Dias, — Razão (poema social).....	5\$0
A Peregrina do Mundo Novo.....	6\$00	Ernesto da Silva — Teatro livre.....	3\$0
F. Castro e E. Frias — A Boca da Escuridão.....	8\$00	Arte Social.....	3\$0
Flamarion.....		Landauer, — Social Democracia.....	3\$0
Iniciação astronômica.....	5\$00	R. Mela, — O principio do fim.....	3\$0
Contos de luar.....	5\$00	— A maçonaria e o proletariado.....	3\$0
Como acabará o mundo?.....	7\$00	J. Most, — Peste religiosa.....	5\$0
Os habitantes dos outros mundos.....	4\$00	Definições sociais.....	5\$0
Felix le Dantec, — As influências astrais.....	10\$00	Horas anarquicas (versos).....	5\$0
Fialho de Almeida.....		Trovas da Noite.....	1\$00
Lisboa Galante.....	10\$00	Roberto, o pescador.....	1\$00
Estâncias de Arte e Saúde.....	9\$00	Memórias do Parque de São João do Forte.....	1\$00
Figuras de destaque.....	9\$00	— Carnet de Pensamento.....	2\$1
Actores e Autores.....	9\$00	J. Bakunin, — O sentido em que somos anarquistas.....	5\$1
Contos.....	9\$00	Chueca, — Como não ser anarquista.....	5\$1
A Esquina.....	9\$00	Lazare, — A Liberdade.....	5\$1
Aves Migradoras.....	9\$00	B. Etivant, — A minha defesa.....	5\$1
Barbear, Pentear.....	9\$00	J. Kropotkin.....	
Cidade do Vicio.....	9\$00	Os bastidores da guerra.....	3\$0
Pasquinadas.....	10\$00	Moral anarquista.....	5\$0
Pais das Uvas.....	9\$00	O espirito revolucionário.....	5\$0
Salmos quântos.....	9\$00	O estado e o seu papel histórico.....	15\$0
Vida errante.....	9\$00	J. Guedes, — Lei dos Salários.....	5\$0
Vida irónica.....	9\$00	Briand, — A greve geral.....	5\$0

Luis, um pouco desgostoso, continuou serenamente a sua peroração nestes termos:

— Temos de confiar mais na nossa vontade e no nosso trabalho...

— Parece o pente de alisar! — interrompeu Rosendito.

— O trabalho embrutece, homem! — gritou um terceiro.

— Para trabalhar por nós é que os intelectuais vieram ao mundo! — acrescentou Rosendito.

— Olhem os super-homens! — exclamou um autor dramático dirigindo-se à mocidade intelectual.

Um, de longas melenas, ripostou em voz baixa, mas de modo a que Luis o ouvisse:

— E pensamos nós que este imbecil está a caminho de ser alguma coisa em Espanha?

— Porque sou eu imbecil, meu senhor? — perguntou Luis em attitude resoluta.

O que lhe chamara imbecil respondeu:

— Porque fala de arte, de trabalho e de público como se fossem uma e a mesma coisa.

— Poderia ser — replicou Luis.

— Fora, fora! E' essa a tirania dos filisteus! — gritou Rosendito.

— Eu não sou um filisteu! Tenho a minha obra, boa ou má, mas é minha! — gritou Luis.

— Ensine-a! — redarguiu o literato com modos mais femininos do que masculinos.

Os amigos riram da graça.

Um jornalista levantou-se e disse:

— Se o senhor conferente vai dar importância a certa gente, nada sairá desta reunião, e, palavra de honra, senti-lo hia muito. Tenho confiança no talento e na boa-vontade de dom Luis de la Escosura e vim aqui fiado de que vinha a alguma parte.

Em seguida o mesmo jornalista, dirigindo-se aos jovens decadentes, prosseguiu:

— As pessoas, aqui presentes, que não saibam quem é nem o que pode esperar-se da pessoa que convocou esta reunião, leiam mais livros espanhóis e menos do

que se imprime fóra de Espanha; e os que aqui tiverem vindo no propósito de se divertirem à custa dos que não fazem parte do comité de patentes artisticas, façam o favor de retirar-se.

— Nem que fosse o caseiro! — gritou Rosendito, antes do jornalista se sentar.

— Agradeço do coração — disse Luis — as palavras do senhor Ballesteros.

— Os jovens melenculos infocaram os monóculos para Ballesteros.

— Eu pensava — continuou — que nós os artistas, pudessemos fazer uma esplêndida obra social, embelezando e melhorando a vida do nosso semelhante. Disse Ruskin: «Façamos da nossa vida uma obra de arte» e se todos dedicássemos a escrever arte e a difundi-la por meio dos nossos actos, o público encontraria a arte viva em cada um de nós, e essa arte, viva entraria na sua alma, indirectamente. Eis o que me proponho, mas para isso, é preciso certa energia interior e um determinado valor moral. Porque é necessário que desçamos da nossa torre de marfim e nos aproximemos do povo, do qual procedemos, e até que o beijemos, espiritualmente, entendese-se, se tanto fôr o amor que por ele sentimos.

— Cheira mal! — exclamou Rosendito.

— Nem para vendedor de alperçotas teria presépio! — gritou um jovem olheirento.

— Retorquiu um terceiro, esbracejando como um moinho de vento:

— Isto não é o Fomento da Arte! E' o Fomento da estupidez!

Luis afastou-se da mesa, deu dois ou três passos para os jovens bizantinos e disse com energia:

— Creio haver demonstrado por demais que tenho paciência, e desejaria que não me obrigassem a mostrar que posso, além disso, outra coisa.

— O que é? — perguntou Rosendito.

— O que os senhores não têm.

— Oh! sim; uma casa de comidas — replicou um decadente.

— Valor para dizer-lhes — replicou Luis — que os senhores precisam d'ele como artistas e como homens; valor para lhes dizer que não sabem ir senão à mesa do orçamento.

— Insulta-nos! — disse Rosendito, dirigindo-se aos seus.

— Dirige-se a ti — argumentou um seu amigo, não muito sereno.

Levantaram-se todos, armando grande escândalo. De entre outras vozes, ouviu-se a de Luis:

— Digo a verdade! Se não fossem as mamãs ou os ministros; de que viveriam os senhores?

— Do público! — gritou, com voz chocarreira, um literato, ainda novo.

— Adeus, génio! — exclamou Rosendito.

A isto, Luis replicou:

— O que haveis feito vós no mundo? Quatro graças e dois versitos onde se fala do azul das sensações.

— E o senhor o que tem feito? — perguntou um modernista.

— Alguma coisa que os senhores nunca farão!

— A liada! — exclamou Rosendito.

— Filhos! — gritou Luis, fóra de si, e como que lançando sobre os seus adversários uma onda de humanidade.

— Tal qual um moço de esquina! — replicou o futuro poeta nacional.

Luis arremeteu contra os modernistas e principiou a socá-los. Os jovens decadentes colocaram diante de si quantas cadeiras e bancos encontraram à mão. Alguns jornalistas e autores dramáticos seguraram Luis, e, entretanto, a mocidade intelectual desapareceu, como por encanto.

X

DE COMO CATARINA E LUÍS PROCURAM O BEM

Catarina esperava ansiosamente o resultado da reunião que Luis havia de ter com os jovens intelectuais. Seria a mocidade mais altruista do que os sábios e os políticos? Os jovens também se ririam de Luis?

Nestas dúvidas, chegou o seu amado. Coisa rara: a pesar do novo fracasso, ele apresenta-se risonho e tranquilo.

— Fizeram-te, enfim, justiça? — perguntou, ao vê-lo, Catarina.

— Enganas-te, formosa — respondeu Luis — eu é que a faço a mim mesmo. Não sei o que tem a minha alma que, quanto maior é o perigo que corre e os reveses que sofre, tanto mais se fortalece e mais digna de si mesma se julga.

— De modo que nem querem ajudar-te os jovens intelectuais?

— Desculpa-os, não podem. O que eu pretendo é uma obra de amor, o amor é um excesso de vida, e os rapazes, quasi todos, precisam de vida. O mal não é eles não me ajudarem, o pior é que se riam à minha custa.

— Riram-se à tua custa?

— Sim, mas já levaram o correctivo merecido.

E contou a Catarina o que acontecera no Circulo das Belas Artes.

Não obstante, Luis estava animado, concebera, sem dúvida, um novo plano, por meio do qual esperava realizar a sua quimera de alguma coisa de grande em prol da Humanidade. Mas não era aquela a hora propicia para expôr a Catarina os seus novos projectos, porque convinha primeiramente procurar casa e sair daquela onde vivia com seus pais.

Logo de manhã, a mãe de Luis recebera a visita de dona Purificação, e, em seguida a retirada da velha



NO REGIME CAPITALISTA

A desoladora situação dos desempregados em França

La Rochelle, Maio.—A falta de trabalho desenvolve-se em França... Todos já o sabem; e assim se constata que tal fenómeno é um mal universal como o próprio capitalismo. Os sofrimentos que daí derivam irmanam todos os trabalhadores.

Para obstar à crescente miséria dos desempregados e principalmente à voz já um pouco ameaçadora dos proletários, decidiu o governo francês, em Fevereiro último, fazer um aumento na subvenção dos sem emprego. Desde então a participação do estado nas despesas é de 60 por cento, em vez de 33 por cento, como era anteriormente. Não se pode dizer que esta nova medida não alivie a tarefa das cidades, quasi sempre pobres; pois que a pesar do aumento de subvenção, as suas despesas são menores, o que lhes permitiu durante mais tempo atacar a crise.

Mas o que recebe, afinal, o desempregado? O último decreto eleva a 6 francos por dia (antes 4,50) o máximo para cada um, e para cada pessoa da mesma família (mulher e crianças) 2,50 francos. Uma família regular, composta de quatro pessoas, tem direito a receber 13,50; a uma família mais numerosa a lei não permite dar mais de 16 francos.

Em consequência, quanto mais filhos um casal tiver mais miseravelmente vive, em relação a outras famílias menos numerosas. Esta é a lógica dum governo que sem cessar exorta os casados à procriação.

Pelos algoritmos oficiais, a família de quatro membros recebe por dia, da parte do governo, 13,50 francos; juntos agora 40 por cento que a cidade ou o departamento lhe deve pagar, ou seja 9 francos. Isto é, quatro pessoas recebem um total de 22,50 francos em cada dia, ou antes deviam receber, porque são as comissões que registam os desempregados que estabelecem a quantia a pagar, e, embora elas sejam compostas por igual número de operários e patrões, o que é facto é que nelas reina sempre uma grande unidade de vistas.

E pode por acaso viver-se honestamente com tal quantia? Uma simples comparação o demonstrará: o salário médio anda por 30 francos por dia, portanto a família do desempregado tem de viver com 2/3 daquela quantia. Se se considerar que o nível da vida é agora mais baixo do que antes da guerra e que uma família com os ganhos completos vive facilmente, pode concluir-se que com os 2/3 do salário médio pode morrer-se de fome. E note-se que se tomou para o exemplo o desempregado mais favorecido.

A pesar de tudo, seria bom que todos os «sem emprego» pudessem tirar do decreto governamental alguma coisa. Mas infelizmente o jesuitico decreto, que parece humilde para o povo, com a mão esquerda toma o que dá com a direita. Os desempregados que habitam em qualquer terra menos de seis meses nada recebem! Esta simples medida arrebatou a milhares de trabalhadores a possibilidade de gozar a lei. Além disso, os que, por questão do patrão ou por via de acção sindical, abandonem o trabalho são considerados «desempregados voluntários», e nada podem reclamar.

Reconhece-se pois que as várias medidas do decreto têm por fim contrariar a acção sindical.

Para terminar, diga-se que o desempregado tem direito a receber em cada ano a subvenção durante 120 dias. A crise começou já no ano passado; imagine-se a miséria dos infelizes que sabem, com angústia, que, após quatro meses, nada mais receberão! A acção social a crise, os suicídios de miseráveis, que já se observaram, multiplicar-se-ão.

F. CHAMARRE

INFORMAÇÃO TELEGRAFICA

Assuntos diversos

A conferência económica

GENEVA, 12.—Obteve a aprovação unânime da conferência económica internacional a proposta francesa preconizando a supressão da proibição das importações, a unificação da nomenclatura aduaneira e a estabilização das tarifas das alfândegas. — (L.)

Uma greve tumultuosa

MADRASTA, 12.—Deram-se tumultos por motivo da greve dos empregados das companhias de óleos de Bonna, que reclamam aumento de salários. Ficaram 12 indivíduos, feridos em consequência das pedras e tiros trocados. — (L.)

Os capitalistas diamantinos

LONDRES, 12.—Segundo informa o Financial Times, todos os importadores de diamantes aluviais, concordaram em efectuar as suas vendas por intermédio do Sindicato Diamantino que, por esta forma, centraliza o controlo de toda a indústria de diamantes. — (L.)

As últimas prisões

Como ontem informámos, foram postos em liberdade os últimos operários que se encontram presos no governo civil, vindos de Coimbra às ordens da Polícia de Informações, sob a acusação de profeta de ideias anarquistas.

A todos estes camaradas foi fixado desatino por 6 meses nas seguintes localidades: a Afonso de Moura, na Figueira da Foz, a Lúcio Maria da Conceição e a Arnaldo Simões Januário, em Lisboa.

Visita de estudo

No próximo domingo promove a Sociedade Promotora de Educação Popular uma visita de estudo ao monumento dos Jerónimos e Casa Pia de Lisboa, sendo os visitantes acompanhados pelo professor da quele estabelecimento sr. Cesar da Silva. Os socios podem fazer-se acompanhar de suas famílias e o ponto de reunião é junto ao mosteiro dos Jerónimos, às 10 horas.

Interesses de Classe

Discorda-se da criação de uma cooperativa dos manipuladores de pão

A classe dos manipuladores de pão, apesar do trabalho que executa, muitas vezes não tem uma «bucha» para mitigar a fome e a seus filhos.

Infelizmente não tem ainda a consciência da sua força, supondo-se impotente para conquistar pela acção directa as suas regalias e então, em vez de agir energeticamente, limita-se a enviar 5 ou 6 camaradas, pedir ao ministro que sirva de intermediário e que atenda outras reclamações.

Ainda vivem na ilusão de que os governos lhes podem melhorar as condições, não sabem ainda que aqueles, quando decretam, é sempre para acautelar os interesses dos industriais.

Houve já um tempo em que a classe não confiava muito em governantes e agia como era do seu dever; pouco a pouco ia compreendendo que os trabalhadores só praticando a luta de classe, é que conquistam os seus direitos. E' que então havia manipuladores que sabiam muito bem que as regalias não se imploravam, conquistam-se, e a classe lentamente ia compreendendo qual os seus deveres e direitos.

Os poucos militantes que restam, merced da sua pouca preparação sindical, não procuram incutir na classe a persistência na luta e não iniciam outros camaradas nos trabalhos sindicais.

Em tempos, os militantes, em todas as reuniões, chamavam para organizar a mesa os camaradas que lhes pareciam ter vontade de trabalhar, assim como iniciavam muitos na maneira de expor as suas opiniões, etc. O resultado era o número de militantes crescer constantemente, a classe tomava consciência da sua força e razão e o ideal da Emancipação dos trabalhadores começava a ser compreendido e defendido com calor. Então, a classe preparava-se revolucionariamente.

Hoje constata-se uma coisa espantosa: há um camarada que preside a todas as reuniões, é o mesmo que discursa e replica, e que faz de comissão administrativa, «demarches», etc. etc.

A classe supõe já que o sindicato é aquele camarada, e isto é muito mau, é péssimo.

Ultimamente esse indivíduo, possivelmente na melhor das intenções, lembrou-se de fazer propaganda para a criação de uma cooperativa de produção, afirmando na sua retórica—que era o único meio de a classe conquistar as suas regalias.

Este militante não aproveitou ainda nada das lições da história, e não vê, ou não quer ver, o presente.

Diz mais que o pão será bem fabricado com as ferinhas do diagrama legal e vendido ao público com o peso certo, etc. etc. Francamente, esse homem, ou está zombando, ou é muito ingenuo...

Analisemos o que seria essa cooperativa: Nem toda a classe subscreve, o que resulta, logo de início, aquilo ser pertença de alguns e esses alguns, dado o egoísmo humano, tratam de apertar a que lhes deixe fartos lucros. A própria direcção, se não der bastante dividendo, é acusada de oubiar...

E se não fosse assim seria a farinha, que é fornecida pela moagem, da pior e não poderia sequer competir com outros estabelecimentos congêneres, acabando por não terem compradores.

Mas eu nem tenho necessidade de argumentar, basta-me citar factos que por si falam eloquentemente.

Recorde-se a cooperativa do Porto que teve, e tem, três sucursais. Nessa cidade os «salvadores» fizeram o negócio com o palete de ser destinado à classe, pois tornaram-se tão exploradores como os outros industriais e ficaram também sendo os donos do sindicato que desde então perdeu a característica proletária e os trabalhadores vendo que aquilo não lhes servia foram-se afastando. Entretanto a classe era mais espinhada e nem sequer podiam protestar, já não tinham sindicato, pois este era dos srs. cooperativistas.

Valou a energia de alguns bons camaradas e uma campanha bem orientada nas colunas de A Batalha, acabando por serem expulsos do sindicato os tais salvadores.

Em Lisboa também há vinte anos a febre do cooperativismo atacou os militantes da classe, e chegou-se ao desatino de o sindicato não se tratar de qualquer outro assunto. A coisa pegou e uma quantidade de operários ficaram sendo patrões à custa de muitos tolos; o pior ainda foi que como os do Porto, ficaram sendo os donos do sindicato, dizendo-se até entre a classe que aquilo era uma associação de patrões, e era verdade.

Como no Porto foi necessária uma grande energia para os desalojar da casa dos trabalhadores os que mais combateram esses salvadores e que hoje são os industriais mais miseráveis na exploração.

A classe, como já disse, não subscreve; vai dizendo que sim com a cabeça, porém a mão ou fica quieta ou coça no casco.

Isto dá-se, salvo raras excepções, de um ou outro iludido, mas será uma minoria insignificante cujo produto não dará para mandar cantar um cego. Dos restantes a maioria não tem vinte, outros não concordam e os últimos porque desconfiam...

Mas enquanto se perde o tempo com uma propaganda inútil a classe vai perdendo as últimas energias e dentro em pouco não lhe restará o menor viltumbre de revolta.

Os industriais voltam já a ameaçar que vão reduzir mais os salários, já sabemos que eles juntam sempre a acção à ameaça, enquanto que os ameaçados vão sonhando dar-lhes a derrota fundando uma cooperativa.

Manipuladores de pão, estreitai os laços de solidariedade entre vós; estudaí e lutai directamente contra os opressores se queíeis regalias. O resto são lírias que deveis desprezar. — J. Marques Teixeira.

«Educação Social»

Revista de pedagogia e sociologia
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
Publicação mensal

Assinatura: ano 30\$00; semestre 15\$00.
Número avulso 3\$00.

Redacção e administração: «Empresa Literária Fluminense, Limit.»—R. dos Retirozeiros, 125—LISBOA.

A venda na administração de «A Batalha».

Sobre organização

A família.—A tribo.—O clan e a comuna.—A profissão

O crescente número dos seus membros, ou a fusão de dois ou mais destes grupos para defesa comum ou para a conquista das subsistências, e ainda o facto concomitante de ter atingido um tal grau de desenvolvimento económico que os indivíduos já sabem produzir, criar utilidades por meio dum rudimentar pastoreio e, sobretudo, dum elementaríssimo e grosseira cultura do solo em que se passa, por consequência, da vida nómada para a vida sedentária, da vida da rapina e da caça, para a vida agrícola, e, uma vez relativamente mais satisfeitos as necessidades económicas—a horda larga-se, multiplicando-se em elementos, em indivíduos—porquanto as condições económicas melhoradas são motivo dum maior apertamento—e surge a tribo, agregada ainda assim homogênea, mas mais estável, mais compacta e onde nascem as castas que ainda hoje subsistem dum modo orgânico e onde se cria uma primeira divisão de órgãos com funções privativas, distintas: órgãos económicos e órgãos familiares.

Este é o carácter que diferencia a horda da tribo. Quando um agregado económico tem condições de se complicar e de criar simultaneamente e paralelamente órgãos económicos e familiares então a horda passa a chamar-se tribo.

A tribo cria-se, esboça-se quando surge no agregado social, o órgão sui-gêneris, capaz de satisfazer a necessidade genética e amorosa ou afectiva, isto é, a família, instituição que respeita ao movimento e número da população, e continuidade da espécie.

Primariamente, a família tem um carácter intermitente, temporário, irregular. Depois, com o progresso da vida nos campos, junto do solo cultivado, torna-se mais duradoura, mais definida, menos instável, e cada vez mais se aperfeiçoa, se consolida, se fortifica e ao lado dos artificios gerados pelas religiões permanece através dos tempos e no fundo dos factos, o libérrimo e natural consórcio dos sexos.

A família nasce dentro do órgão económico, cuja constituição se faz por separação, por diferenciação.

Os mesmos indivíduos que se organizaram para satisfazer as necessidades económicas, organizam-se igualmente noutros momentos do dia, mas dentro do agregado primitivo, que continua a subsistir e desenvolver-se, dentro do agregado primitivo, que continua a subsistir e desenvolver-se, dentro do mesmo espaço, para satisfação das necessidades genéticas-afectivas.

Estas duas categorias de organismos—o económico e o familiar—distintos pelos fins, são, porém, apenas aspectos diversos dos mesmos indivíduos, têm o mesmo sujeito e, portanto, não podem nem devem ser antagónicos.

Pelo contrário, harmonizam-se, complementam-se, auxiliam-se, como aliás, se harmonizam, se completam e se auxiliam todos os demais organismos sociais, na sua interdependência e complexidade extremas.

Os dois organismos citados apertam cada vez mais os laços de solidiedade dos indivíduos, criam uma vida comum imprescindível, necessária e progressivamente mais intensa. E se os seus respectivos desenvolvimentos se fazem paralelamente, nem por isso eles deixam de influenciar-se numa reciproca troca de forças e de progressos.

A princípio, porém, a sociedade económica ainda prevalece sobre a familiar: tanto na antiguidade como entre os selvagens contemporâneos, o sentimento social económico é mais absorvente do que os sentimentos familiares.

E, pois, nos organismos familiares que o ser humano esboça o seu senso estético, satisfazendo plenamente a necessidade genética-afectiva; e se por meio dos órgãos económicos rudimentares existentes na tribo, se procura produzir as utilidades que satisfazem as necessidades de nutrição, de vestuário e de habitação, indispensáveis à vida individual; naqueles a vida humana, a humanidade, procura multiplicar-se, mantendo uma população que, conjugada com o bem-estar material, atrofia os instintos ferozes, de luta, de hostilidade—educa os indivíduos humanos pelas relações sociais de amor, de amizade, de simpatia e cria-lhes uma vida cada vez mais intensamente comum e solidária e origina novas necessidades, novos ideais do bem e do belo. E ao lado das necessidades intelectuais, o culto pela Verdade.

Quando a tribo se complica com mais esta feição, formando um todo com aspirações sentimentais e intelectuais já elevadas, em que dentro dos seus órgãos económicos e familiares surgem concepções genúinas e simplistas das causas dos fenómenos, filhas da ignorância—ela, a tribo, transforma-se então, pela criação de novos órgãos especiais, cuja função é interpretar ou imaginar os fenómenos em relação com as suas presumidas causas, no clan.

A origem das coisas, atribue-se, então, a um ser mixto de elementos naturais e de animais poderosos; e o antepassado canibal, feroz, o totem da tribo, um cão, um lobo, um leão, etc.

E' o clan, portanto, um organismo mais completo do que a tribo, e onde se cria um invólucro que se sobrepõe e se insinua nos órgãos económicos e familiares, exercendo uma acção misticista.

As instituições ou órgãos económicos, familiares e artístico-intelectuais, ainda a princípio simbolizados nas ingênuas concepções totemistas, progredem, quer em extensão, quer em intensidade, quer também em diferenciação e, em especialização, dentro do clan; e, então, esboçam-se as necessidades morais e jurídicas, e a crosta religiosa que lhe forma o âmbito em que se agita, e os limites da sua individualidade, perde a sua força de coesão, estala, rebenta.

Então, por todos os lados, numa ansia de melhor vida, cada vez mais intensa, mais ideológica, em que a especialização e a intensidade das necessidades se manifestam nas funções distintas de determinados órgãos—surge um novo organismo natural, o produto das condições espontâneas da natureza conjugadas com as da vida progressivamente intensiva dos povos, da sua cada vez maior socialização, a comuna, que entre nós teve o nome de—município.

Este é o organismo natural, que, pela sua composição integral e complexa corresponde ao estado social em que os indivíduos podem sentir e satisfazer todas as necessidades que o estado actual da civilização comporta.

A comuna é já um organismo bastante vasto, complexo e completo; é já capaz de satisfazer todas as necessidades que o ser humano é susceptível de experimentar. E' um organismo heterogêneo, já diferenciado, de natureza perspectiva onde encontramos já distintos e variadíssimos órgãos cujas funções apropriadas respeitam ou às necessidades fisiológicas, (económicas e familiares), ou às estéticas intelectuais, (artísticas e científicas) e ético sociais, (morais jurídicas e políticas).

E' já um organismo assaz vasto, completo e complexo, capaz de desenvolver uma vida intensiva integral. Nele se sublima a vida social. E' o organismo social natural, correspondente ao actual estado das necessidades humanas, e de área e de população compatíveis com as libérrimas de autopolítica isto é, um regime social cuja coordenadora das actividades individuais é ba-

O SINDICALISMO EM MARCHA

Uma jornada da Secção Profissional dos Pedreiros

Anda a Secção Profissional dos Pedreiros empenhada em fortalecer aquela instituição que, como se sabe é uma célula do Sindicato Unico da Construção Civil.

A crise de trabalho e as últimas perseguições trouxeram uma baixa nos efectivos sindicais o que não impediu que os actuais militantes daquela secção continuassem lutando com denodo para o fortalecimento do seu baluarte.

Nesse sentido enviaram a todos os pedreiros uma circular convidando-os a ingressarem no seu sindicato, da qual extraímos os seguintes trechos:

«A velha Associação dos Pedreiros, aderente e integrada no Sindicato Unico da Construção Civil chama-te para que voltes ao seu seio, e é preciso que voltes, para que junto com os que nela se encontram ainda, formemos uma barricada que sirva de apoio à defesa da classe dos pedreiros.

Já foste associada, já compartilhaste do triunfo das nossas reclamações quando a vitória coroou os nossos esforços no movimento que unidos fizemos para conquistar as 8 horas de trabalho e o primeiro aumento de salário. Deixaste de ser socio, não procuramos saber os motivos, porque águas passadas não movem moínhos, é preciso iniciar-se vida nova, esqueçamos o passado no que ele tem de mau e recordemo-lo, no que tenha de bom.

Sem a união nada é possível: repara camarada como as abelhas se unem para construir o seu favo de mel; e como as formigas num conjunto admirável realizam prodígios que os homens por uma aberração incompreensível não conseguem imitar».

Os resultados desta circular não se fizeram esperar: em poucos dias inscreveram-se na Secção mais de 100 socios.

E' um exemplo que poderia ser seguido por outros sindicatos, e cujos resultados seriam lisonjeiros.

CRISE DE TRABALHO

Conselho de Secções do Sindicato Unico da Construção Civil

O Conselho de Secções do Sindicato Unico da Construção Civil previne todos os operários que foram licenciados ultimamente das obras dos Monumentos Nacionais por falta de verba, que vão ser readmitidos nos seus antigos lugares em virtude do ministro da Instrução ter concedido 100 contos como reforço à verba para a conclusão dos referidos trabalhos.

Os delegados deste organismo, no entanto, prosseguem nos seus trabalhos até à solução do assunto.

Associação de Classados Operários e Mestres das Obras do Estado

Este organismo faz sciente a todos os operários que trabalham nas obras dos Monumentos Nacionais e aqueles que foram há poucas semanas licenciados por falta de verba que o ministro da Instrução Pública concedeu o reforço de verba de cem contos para as mesmas obras e à readmissão dos operários que foram licenciados.

A Comissão de Melhoramentos continua nas suas «demarches» até à conclusão destes trabalhos.

Uma representação da Associação da Construção Civil de Setúbal

A Associação de Classe da Construção Civil de Setúbal enviou ao governador civil daquela cidade a seguinte representação:

«A crise de trabalho na construção civil, na época presente, tem tomado aspectos terríveis, que nos levam a acreditar que teremos que sucumbir aos efeitos da miséria, nessa crise originária.

Leva-nos a crer que os detentores da terra se têm esquecido de amparar os seus semelhantes, razão porque nos dirigimos às autoridades competentes a fim-de que estas intercedam junto do governo para que se abram trabalhos públicos para nêles serem colocados os operários sem trabalho.

Também entendemos que devem ser abolidas as licenças camarárias para efeito de reparações exteriores a fim-da crise ser resolvida.»

IMPRENSA

«O Rebate»

Foi superintendente autorizada a saída do diário da manhã «O Rebate», órgão das comissões políticas do partido republicano português.

Federação Portuguesa de Solidariedade a Presos e Perseguidos por Questões Sociais

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Executivo e o Comité Local de Lisboa.

cessidades que o estado actual da civilização comporta.

A comuna é já um organismo bastante vasto, complexo e completo; é já capaz de satisfazer todas as necessidades que o ser humano é susceptível de experimentar. E' um organismo heterogêneo, já diferenciado, de natureza perspectiva onde encontramos já distintos e variadíssimos órgãos cujas funções apropriadas respeitam ou às necessidades fisiológicas, (económicas e familiares), ou às estéticas intelectuais, (artísticas e científicas) e ético sociais, (morais jurídicas e políticas).

E' já um organismo assaz vasto, completo e complexo, capaz de desenvolver uma vida intensiva integral. Nele se sublima a vida social. E' o organismo social natural, correspondente ao actual estado das necessidades humanas, e de área e de população compatíveis com as libérrimas de autopolítica isto é, um regime social cuja coordenadora das actividades individuais é ba-

CRONICA DO ESTRANGEIRO

O ignorado paradeiro dos aviadores franceses

As pesquisas ainda não deram o melhor resultado

NOVA YORK, 12.—A marinha de guerra e a aeronáutica prosseguem activamente nas suas pesquisas para a descoberta de Nungesser e Coli, com a cooperação do dirigível «Los Angeles» que para este fim largou de Lakohurst.

Noticias ainda não confirmadas dizem que os aviadores Nungesser e Coli foram encontrados e salvos pelo navio americano «Cameronia». Este navio comunicou mais tarde não ter os aviadores a bordo. — (L.)

Outros aeronautas que desaparecem

MOSCOVIA, 12.—Um balão que levantou em 29 de Abril próximo passado, levando dois sábios a bordo, desapareceu, sem que até agora se saiba quaisquer noticias. — (L.)

Política imperialista

Prosápia britânica

LONDRES, 12.—Lord Buxton, antigo governador das ex-colónias alemãs, num jantar em que estavam reunidos os delegados à Conferência Colonial, discursando censurou asperamente a passada administração alemã, e felicitou o ministério das colónias por conservar debaixo da coroa inglesa os ex-territórios alemães.

O actual governador Tanganica, declarou que nesses territórios se encontravam actualmente apenas 500 alemães, ao passo que os colonos ingleses atingiam um número de 2.100. — (L.)

A rivalidade polono-alemã

VARSOVIA, 12.—O parlamento da Alta Silésia aprovou uma lei pela qual são suprimidos os conselhos distritais e substituídos, quando assim se ache conveniente, por comissões. A dissolução dos mesmos conselhos tem o fim de evitar a maioria alemã que imperava nêles. — (L.)

A evacuação do Reno

BERLIN, 12.—O correspondente do Vorwaerter em Bruxelas diz que a Bélgica não se opõe a que a França delibere a evacuação da Renania. — (L.)

A «Petite-Entente» reúne-se

BELODRA, 12.—Realiza-se amanhã a primeira conferência da «Petite Entente», em que tomam parte os srs. Benes, Manikovitich e Milinen. — (L.)

Diverso noticiário

Os caçadores de cabeças humanas

Há alguns anos conseguiram alguns brancos atingir as nascentes do rio Amazonas e foram encontrar nessas paragens o povo mais estranho e primitivo. Chamam-se esses indígenas «jivaro» e vivem em absoluta independência em florestas, no meio de pântanos, atingíveis por canais tão estreitos, que por eles só podem navegar pequenos barcos. Facilmente se podem defender de qualquer invasão.

Este povo, que deve ter talvez uns 25.000 indivíduos, crê que a posse das cabeças dos vencidos lhe dá força. Tratam os indígenas as cabeças humanas que caçam dum modo curioso, a qual consiste em diminuir-lhes os tamanhos até a grandeza dum a laranja, sem que os traços fisionómicos sejam alterados. Os ossos são extraídos e substituídos por uma pedra ardente; com outra pedra a pele é «engomada», até que a cabeça fique reduzida ao tamanho da pedra que se introduziu na cabeça. Esta operação é repetida substituindo a pedra interior por uma mais pequena, até que se atinge a pequenez desejada. E' então que a cabeça é pendurada na cabana do vencedor, figurando como troféu e talismã. — (Nova Voje).

ATENAS, 12.—Resultaram infrutíferos os resultados obtidos na reunião dos «leades» dos partidos com o fim de evitar as dissidências no seio do gabinete.

Os realistas consideram a sua coesão na última fase. — (L.)

BERLIN, 12.—Os centristas votaram por unanimidade uma moção a favor da prorrogação integral da lei de defeza republicana. — (L.)

VIENA, 12.—A conferência internacional da imprensa que se realiza nesta cidade inaugurou os seus trabalhos. — (L.)

BERLIN, 12.—Em consequência de um abatimento de terreno em Tiliis, ficaram soterrados 2 casas, perecendo 14 pessoas. — (L.)

VARSOVIA, 12.—Um aeroplano do exercito despenhou-se; matando o comandante do aerodromo a que pertencia. — (L.)

«A Batalha» no Funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE

VIDA SINDICAL

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

A comissão administrativa roga aos delegados que nesta Câmara representam os sindicatos dos Litógrafos e Impressores Tipográficos, a sua comparência hoje, pelas 22 horas; para assunto urgente que se prende com a crise de trabalho.

Comunicações

Sindicato dos Profissionais da Imprensa.—Continuam ontem a assembleia geral, tendo aprovado o relatório da comissão de revalidação de carteiras depois de larga discussão.

Em seguida procedeu-se à eleição dos corpos gerentes que deu o seguinte resultado:

Direcção—Efectivos: Presidente, Mario Salgueiro; vice-presidente, Jaime Lança; secretário geral, Outeiro de Oliveira; secretário adjunto, Alfredo Marques; tesoureiro, Stubbs de Lacerda.

Substitutos: Presidente, Jaime Leitão; vice-presidente, Santos Vieira; secretário, Jonas Matos; secretário adjunto, Napoleão Gonçalves; tesoureiro, Mario Quintela.

Junta Consultiva—Efectivos: Jaime Brazil, dr. Campos Lima e dr. Alvaro Maia. Substitutos: Ferreira de Castro, Norberto Lopes e Artur Portela.

Comissão Revisora de Contas—António Teixeira de Figueiredo, Eduardo Junqueira de Matos, Amílcar Sarmento, Anselmo Franco, José Horto Júnior e Fernando Assunção.

Assembleia Geral—Presidente, Avelino d'Almeida; vice-presidente, Júlio de Almeida; 1.º secretário, David de Carvalho; 2.º secretário, Manuel Nunes; secretário suplente, Wunderly Lourenço.

S. U. da Construção Civil—Secção Sindical de Belem—Reuniu a comissão administrativa desta secção que tratou de vários assuntos de interesse colectivo, e tomou na devida consideração algumas reclamações apresentadas por vários camaradas.

Previne os seus associados da área de Alcântara, que no próximo domingo continuarão a fazer-se a cobrança, a qual tem estado paralalisada em virtude do nosso colega ter estado doente.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Congresso Abolicionista Português

A comissão organizadora do Congresso Abolicionista Português acaba de publicar o relatório dos seus trabalhos, documento interessante tanto pela sua urdidura como pela preciosa documentação que encerra.

O presidente Landru na República da Calábria

O sr. Martins Júnior escreveu e editou um livro a que deu o título de «O presidente Landru da República da Calábria». Trata-se de um livro que contém um formidável libelo acusatório contra o ex-presidente do ministério António Maria da Silva e que descreve todas as peripécias da prisão do autor quando da revolução de Almeida.

Reclamações ferroviárias

A comissão delegada da Federação Ferroviária e do Sindicato dos ferroviários do Sul e Sueste, constata com desgosto o que se está passando nas linhas que estavam na posse do Estado, no respeitante às injustiças que se estão praticando contra os ferroviários.

Esperava a comissão que a Companhia arrendatária não iniciaria a sua gerência, com as violências, como se estão praticando, não só com o afastamento de centenas de ferroviários que ficam nas condições de adidos, como ainda o despedimento de centenas de ferroviários das oficinas do Barreiro, pelo simples facto de serem eventuais embora usufruíssem identicas regalias ás do pessoal do quadro.

Esta violência, vem contribuir para uma maior crise de trabalho, se da parte do governo não houver a energia de fazer respeitar as regalias conquistadas pela classe.

A aludida comissão procurou o dr. sr. Nobre da Veiga a quem fez entrega dum extensa exposição sobre o que se está passando no Barreiro e que decerto se terá produzido em toda a linha do Sul e Min